

# JUVENTUDE QUILOMBOLA E O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR

*Elisabeth Miguel Espinhara*  
*bethmxxchade@gmail.com*

**RESUMO:** *Estamos no campo da educação voltada para jovens negros brasileiros, que fazem parte da comunidade de remanescentes quilombolas. Focalizamos nossa atenção em sua identidade e perfil, deixando-nos questionar pela triste realidade da desigualdade social, descrita por pesquisas sobre a posição do povo afro brasileiro. Apresentamos a proposta da educação quilombola, como meio necessário para que os jovens possam adquirir e se prevalecer na identidade afro. Finalizamos nosso estudo, com a provocação da antropóloga Nilma Lino Gomes que, através de sua longa trajetória como ativista no movimento negro, questiona o saber convencional, evidenciando-o como monocultural e eurocêntrico. Ela nos leva a compreender a importância da educação multifocal e multicultural. Nesse, a movimento negro é um educador.*

**ABSTRACT:** *We are in the field of education focus on young black Brazilians, that are part of the remnants quilombolas community. Our attention is focused on your identity and profile. We must ask ourselves about the sad reality on the social inequality described for surveys on the position of the Brazilian Afro people. We submit a quilombola educational proposal as a necessary means that young people can acquire and prevail in Afro identity. We finish our study, with Nilma Lino Gomes' anthropologist provocations, that through her long trajectory as an activist of the Brazilian black social movement, she questions the conventional knowledge by highlighting it as monocultural and Eurocentric. She leads us to understand the importance of multifocal and multicultural education. For that reason, the black movement is an educator.*

Somos descendentes de uma cultura ocidental que por anos realizou nos países latino-americanos uma lógica de conhecimento parcial, focada unicamente nos saberes ocidental. Enrique Dussel, afirma que é necessário uma transformação de mentali-

dade, essa é como dar um “giro”, ou seja, uma mudança de perspectiva a partir dos pensamentos antes considerados periféricos: asiáticos, africanos, latino-americanos. Assim sendo, aquilo que pensamos ou realizamos devem conduzir-nos a dar uma volta epistemológica, questionando conclusões, métodos, paradigmas até aqui tidos como únicos. É preciso educar a humanidade para passar de uma racionalidade quantitativa ao essencial da vida humana, sublinha o autor (Cf. DUSSEL, 2018).

Autores como Catherine Wash, se posicionam claramente neste processo em defesa dos grupos até hoje tidos como periféricos. Ela destaca o processo de aprender a desaprender, para construir algo novo. Podemos definir esse, também como processo de desconstrução do saber, isso significa não jogar tudo fora, mas construir algo de novo numa visão multilateral, multifocal, valorizando além do científico, os saberes ancestrais de cada cultura, e no caso do Brasil a cultura afro e indígena que foram por anos a fio, vítimas desta imposição cultural do ocidente (Cf. WASH, 2017).

Janet O’Shea em seus estudos de performance e artes afirma que: “O colonialismo, longe de ser um mero antecedente histórico para a vida política nas Américas, continua sendo um aspecto essencial das suas variadas formações políticas”. (O’SHEA, 2018). Estamos de acordo com o parecer de Janet, contudo acreditamos que um processo de reconstrução é possível para todos aqueles que acreditam e investem nesta nova humanidade.

Esta nova proposta, leva-nos a escrever este artigo tendo presente um dos grupos que, nos dias atuais interpelam assertivamente as autoridades brasileiras e exigem a reparação de anos de exclusão que os deixaram à margem desta sociedade, a saber, o movimento afro-brasileiro.

Por se tratar de um tema vasto, nos focalizaremos apenas em um ponto deste, o fator educativo. Dentro do Movimento Negro educativo, ressalta a Juventude quilombola que nele encontra apoio e orientações notórias para suas lutas, por emancipação política e cultural.

Desta forma, destacaremos da juventude quilombola: sua identidade afro-brasileira e mostraremos através de alguns dados de pesquisas, de como é evidente a característica racista em nosso país. O perfil da comunidade quilombola e sua descendência afro, ajudará o leitor(a), a compreender a riqueza deste nosso patrimônio cultural africano, onde a educação é o fator determinante para continuar a emancipação política e cultural dos afros-descendentes; e igualmente, como a educação dos jovens quilombolas oferece elementos importantes para uma educação decolonial.

O nosso último argumento ressaltará uma proposta muito interessante para a nossa reflexão: a contribuição do Movimento Negro brasileiro como educador.

## 1. IDENTIDADE DAS COMUNIDADE REMANESCENTES DOS QUILOMBOS

Os aspectos históricos das comunidades quilombolas, remontam aos anos da escravidão onde eles veem no líder Zumbi dos Palmares seu modelo, fonte, e inspiração para qualificar e solidificar sua identidade.

Em todo o Brasil, são muitas as comunidades remanescentes de quilombos que esperam certificação, buscam reconhecimento e políticas públicas que reduzam a desigualdade social causada por anos de escravidão.

Segundo os dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp), nos últimos 20 anos, o governo do estado de São Paulo e a União reconheceram 51 comunidades como remanescentes de quilombos, entre essas, 34 esperam ainda receber a titulação de terras.

Os descendentes veem até hoje os quilombos como espaços de liberdade e resistência. A memória dos escravos fugitivos entre os séculos XVI e XIX, continuam a alimentar os sonhos e utopias de suas lutas. É importante lembrar que somente após 100 anos da abolição da escravidão é que as autoridades brasileiras decre-

taram na Constituição de 1988 a nomenclatura “comunidades remanescentes de quilombos”.

Segundo o professor Petrônio Domingues, doutorado em História pela Universidade de São Paulo (USP), as comunidades negras remanescentes buscam do INCRA e do ITESP, reconhecimento e políticas públicas que mudem essa triste realidade da desigualdade social causada por anos de escravidão.

*Algumas iniciativas dão esperanças a esse povo, entre elas:*

- As políticas agrárias e fundiárias em áreas públicas, pelo ITESP, órgão que promove este reconhecimento no Estado;
- Reconhecimento de áreas quilombolas em São Paulo, a maioria no Vale do Ribeira, mais de cem ainda estão em processo de certificação;
- As comunidades conquistaram também assistência técnica para a produção e comercialização, inclusão social, acesso a insumos, recuperação e educação ambiental;
- Estradas da região foram recuperadas, bem como os benefícios de outras obras.

Podemos dizer que essas são tímidas conquistas, contudo para quem está nessa luta quer dizer muito; é alimentar os sonhos e dar forças para continuar buscando caminhos novos para que os jovens vindos desta geração, sejam heroicos como Zumbi dos Palmares que a “sociedade dos iguais” tenta deixar somente como “folclore brasileiro” (Cf. Vivian REIS, 2018).

Para alguns jovens dizer “sou um remanescente de quilombo” é um orgulho, para outros não. Tem até mesmo aqueles que se envergonham de suas descendências afro-brasileiras. O caminho a percorrer é longo para sarar as feridas, causadas por tantos anos de escravidão; faz-se necessário uma *redesconstrução* da memória, resgatando valores que levem a uma identidade real e consolidada. Qual o nosso papel nessa trajetória como educadores dessa juventude afro-brasileira?

## 2. DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL

É possível nos dias atuais, encontrar pessoas que dizem não haver racismo no Brasil, e afirmam haver certamente vitimismo por parte da população negra e seus apoiadores. Já o antropólogo congolês Kabengele Munanga afirma que na verdade, no Brasil temos o mito da democracia racial e que esse faz parte da educação dos brasileiros (Cf. ARAÚJO, 2016). Somos do parecer que nosso país é imensamente racista e que mascara sua atitude para que assim não seja necessário a implantação de leis que modifiquem essa degradante situação.

*Os dados apresentados por pesquisas deixam bem claro o que afirma o antropólogo citado acima:*

- A população afro-brasileira é de 53%;
- No Brasil indicadores sociais mostram que uma relevante parcela da sociedade demonstra atitudes racistas;
- A presença de pessoas negras no mercado de trabalho é precária e às vezes insignificante com relação aos brancos. Por exemplo, o desemprego em São Paulo é de 16,1% para os não-negros e 22,7% para os negros. Nesse cenário caótico se constata que a maior precariedade é enfrentada por mulheres negras;
- Em pesquisa realizada para avaliar a qualidade de vida da população, constatou-se que o preconceito racial influencia diretamente na saúde de população negra. Vejamos: em 1995, a projeção da expectativa de vida do brasileiro, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), era de 64 anos para os homens e 70 anos para as mulheres. A população negra dificilmente chega a atingir essa média. Segundo Maria Inês Barbosa, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), 63% dos homens negros e 40% das mulheres negras morrem antes de completar 50 anos;
- Também a violência tem cor! O perfil das vítimas da vio-

lência policial no ano de 1999 são alarmantes: negros 54,05% na faixa etária, 44,12% de 18 a 25 anos;

- Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a população mais pobre no Brasil é negra, cerca de 63%, destes, 70% vivem a baixo da linha de pobreza e dependem exclusivamente do SUS;
- Na educação, os universitários brancos somam 97%. Na pesquisa destaca-se que a taxa de analfabetismo é três vezes maior entre negros;
- Segundo estudo baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 1999, os jovens brancos somam mais anos de estudos que os jovens negros;
- Tímida é também a presença de diplomatas negros no Itamaraty e igualmente nos cargos de juízes, médicos, oficiais, engenheiros, professores universitários...

Em cem anos de vida universitária, não chega a 1% o número de professores negros, afirma o autor (Cf. Carvalho, 2001);

- Mais de 50% das pessoas negras não possuem acesso a internet;
- 39% desta população não possuem rede de esgoto ou água encanada;
- O Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão.

Para não ficarmos somente no fator negativo, é bom salientar que, ser negro no Brasil hoje, é ser capaz de participar do enfrentamento aberto, em nível acadêmico, no âmbito da política, no campo da linguagem social, no setor do combate à criminalidade, esse impossível em tempos outrora, é lutar contra visões conservadoras que, na sua ideologia, se sentem bem com a afirmação de que pessoas negras por seu caráter histórico são inferiores. É também ser capaz de abandonar o desejo de fazer parte do “clube” do branco; é buscar sua identidade roubada, aniquilada sem piedade, no longo período escravagista e após este. (Cf. Paulo SCOTT, 2018).

Desta forma, concluímos que nos dias atuais assiste-se a um resultado favorável para o movimento negro no Brasil, contudo, a triste realidade descrita acima, mostra-nos que ainda estamos muito longe de reparar tantos danos de sofrimento e exclusão deste povo afro-brasileiro.

### 3. PERFIL E IDENTIDADES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Pretende-se aqui, enfatizar somente elementos das comunidades quilombolas que ajudem a compreender a influência na educação da juventude afro-brasileira. Essas comunidades surgem primeiramente aos arredores das fazendas, com poucos recursos. Alguns são escravos libertos, outros fugitivos. Na verdade formam um grande agregado de pessoas com várias complexidades, dando uma forma diferenciada a esta nova sociedade quilombola.

O professor Petrônio Domingues relata que os quilombos eram comunidades formadas por pessoas que habitavam em cabanas. O quilombo de Palmares, o mais célebre, reuniu cerca de 20 mil pessoas.

Os membros dessas comunidades, viviam isolados, em esconderijos, cultivando a terra, criando animais. Depois se passou a negociar produtos com comunidades adjacentes, até mesmo com grandes proprietários de terras. Petrônio Domingues explica que a resistência dos quilombolas, contribuiu imensamente para o término da escravidão.

Naquele período, eles viviam segundo a cultura africana. A educação das crianças e jovens era direcionada para a resistência e consolidação dessas comunidades fugitivas das duras penas da escravidão (Cf. Vivian REIS, 2018).

Para o nosso estudo, é relevante evidenciar que essas comunidades foram formadas por negros, índios e trabalhadores brancos também explorados, daí a complexidade de sua identidade como povo afro-brasileiro. Também hoje, as lutas por eles lideradas contam com a participação de negros e brancos.

Flavio dos Santos Gomes, relata que no Brasil os quilombos inicialmente eram chamados de mocambos, termo vindo da África Central, esse designava acampamentos improvisados utilizados para a guerra. O termo quilombo aparece no final do século XVII (SANTOS GOMES, 2015, p. 10).

Um exemplo a ser considerado é o Quilombo do Vale do Ribeira com aproximadamente 80 comunidades. O morador Ditinho Joana conta que sua família chegou neste território em 1815 fugindo da escravidão em Minas Gerais.

Nessas comunidades, os valores culturais africanos e fatos históricos marcantes, são repassados às novas gerações, para dar consistência às lutas na busca por igualdade. Os estudantes quilombolas, na maioria moradores de áreas urbanas passam por estes quilombos para receberem formação e informação dos mais idosos, a fim de, adquirirem saberes ancestrais.

Os quilombos, em sua maioria, conservam aspectos da cultura primitiva afro, contudo, elementos da modernidade estão presentes na vida diária, como por exemplo, o uso do telefone, internet, televisão e outras tecnologias. A vida simples é combinada com os novos recursos modernos, surpreendendo os mais velhos que veem nessa realidade a potencialidade da pessoa humana que chega a ser quase como um “Homem Deus”.

Eles vivem da economia familiar, cultivando a terra com sabedoria e criatividade para tirar dela o sustento necessário, contudo, sem esgotá-la. Também a criação de animais de pequeno porte. O líder comunitário Abraão Rodrigues Borges, denuncia que a mudança climática influenciou intensamente na sobrevivência das famílias nos quilombos, levando-os a buscar novas possibilidades para aumentarem a produção de recursos.

Desde 1997, nas comunidades quilombolas no Estado de São Paulo foram formadas uma espécie de associação corporativa, meio este que ajudou muito a consolidar os recursos.

Tradição e modernidade, são combinações necessárias para eles nesta luta por emancipação e igualdade. Assim sendo, nasce

um modelo de vida diferenciado. O lavrador Nilzo Dias, conta que eles enfrentam muitas dificuldades por parte das autoridades para reconhecerem o direito de posse da terra.

As missionárias Pastorinhas que acompanham essas comunidades, também reforçam que o Estado não cumpre as leis referentes aos direitos quilombolas. Tais comunidades acumulam um histórico de mais de 400 anos nestas terras. Nelas vivem como grandes guardiões da natureza, pois a terra para eles é Mãe, é sinônimo de liberdade e emancipação.

Para viabilizar ações que ajudem os quilombolas a se emanciparem, grupos de articulação e assessoria são implantados pelos missionários. Eles surgem para articular, assessorar e acompanhar essas comunidades na conquista de seus territórios. Organizadores relatam que 295 comunidades conseguiram suas titulações definitivas em todo o país. O título de terra é importante para dar estabilidade e segurança. Muitas ainda esperam e se organizam para adquirirem o que o Estado insiste em negar-lhes.

O artigo 68 das Constituição de 1988 garante-lhes este direito: “*Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos*” (ADCT). Muitas dessas terras são hoje ocupadas por latifundiários, e não quilombolas. O Estado simplesmente favorece a permanência destes, deixando de cumprir o seu dever, agravando o conflito sangrento pela sua posse.

Entre lutas, conquistas, quedas, essas comunidades quilombolas vão aos poucos se emancipando. Contribuição significativa vem dos missionários presentes nesses territórios.

A poesia escrita na camiseta de um membro quilombola, expressa bem o sentimento desses povos: “*Meu Brasil que falsidade, que negação, meu Brasil. Ensinou língua e história do povo que te invadiu. Deixa a verdade brotar, vamos agora contar, do povo que te construiu*” (Poesia de Florisvaldo Silva) (MOLINARI; BRITO, 2015).

### 3.1. DESCENDÊNCIA QUILOMBOLA

Os quilombos brasileiros formaram-se sobretudo com os escravos fugitivos dos trabalhos forçados com castigos severos nas fazendas. Com relação a Palmares, esse é considerado pelos antropólogos uma confederação que agrupava escravos vindos de vários quilombos, daí a compreensão de sua grande força no movimento negro.

Os quilombos se expandiram por todo o território brasileiro em grandes extensões. Além de escapar das duras penas da escravidão, era espaço de preservação da cultura e meio para se adequar às regras de um novo povo, esse agora afro-brasileiro. Essas comunidades, com exceção de Palmares, por serem consideradas uma confederação, eram grupos pequenos.

Segundo os estudos do autor Adelmir Fiabani, os quilombos brasileiros formaram-se pela incorporação e recrutamento de trabalhadores escravizados de várias etnias: índios, negros, desertores do exército, forasteiros, procurados pela justiça e outras categorias de pessoas. Diante desta apresentação, pode-se compreender a complexidade desta organização (cf. FIABANI, 2005).

Ser um quilombola é uma pertença extremamente complexa, é assim até os dias atuais. A Associação Brasileira de Antropologia considera quilombo “*toda comunidade negra rural que agrupe descendente de escravos vivendo da cultura de subsistência, onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado*” (p. 421). Contudo, nessas comunidades havia grupamentos de pessoas também em áreas urbanas, é claro que com menos relevância que em lugares rurais.

Na atualidade, a juventude afro-brasileira concentra sua militância sobretudo nos grandes centros urbanos. Devido a isso, é um desafio para nós missionários, encontrá-los e apresentá-los a proposta de Jesus Cristo. É louvável esse dinamismo do Espírito que impulsiona a Igreja do Brasil a buscar novos caminhos, a fim de realizar uma Ação Evangelizadora que tem como foco principal o mundo urbano: “*Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano,*

*em comunidades missionárias, pelo anúncio da Palavra de Deus, para formar discípulos e cuidar da Casa Comum” (DGAE p. 9).*

Ainda nos dias atuais, encontramos pessoas que associam a população afro-brasileira à imagem de escravidão e se referem aos quilombos como algo no passado, negando esse como fato da nossa historicidade e territorialidade contemporânea.

Constata-se que, a situação precária dos descendentes de quilombos no Brasil é uma questão estrutural preocupante que necessita de grandes investimentos (cf. ANJOS, 2011).

O geógrafo brasileiro Rafael Anjos, relata que o nosso país é o segundo maior em população com descendência africana e adverte que é a esse povo que são computadas as estatísticas mais discriminatórias. E acrescenta que, ser descendente africano no Brasil, continua sendo um fator de risco. São grandes os esforços para ter visibilidade no sistema dominante e, especialmente, para ser e estar inserido nesta nação.

Ele destaca ainda, o esquecimento proposital dos territórios descendentes de antigos quilombos. Não obstante as disposições constitucionais (1988) e a obrigatoriedade de alguns organismos oficiais para solucionarem os pedidos dos quilombos atuais, constata-se formas quase que estruturais, de ações episódicas e fragmentárias.

### **3.2. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA**

Partimos do pressuposto de que o modelo de vida proporcionado pela modernidade está em crise. Sendo assim, este é o momento favorável para “reimaginar” modos de ser diferenciado deste atual que está em declínio.

O campo da educação é espaço privilegiado para a formação da consciência, e gerar saberes diversos, devido a isso, optamos por problematizar este espaço formativo apresentando uma alternativa possível para estudantes variados. Nesse contexto, a educação quilombola, é importante para ressignificar o aspecto cultural

da juventude afro-brasileira. Apresentando currículos próprios, voltados para a construção ou afirmação da identidade afro.

Segundo Débora Ribeiro, a educação escolar quilombola, reivindicada pelo movimento negro, deve privilegiar estudantes em territórios dos quilombos e fora dele, pois os alunos hoje vivem em situações urbanas e rurais. Este foca-se em conhecimentos quilombolas ancestrais; direcionam práticas pedagógicas; levam em conta a organização social da comunidade; despertam para uma releitura histórica a partir dos descendentes africanos como sujeitos da história; abordam conhecimentos a partir da epistemologia do Sul; se relacionam com os conceitos de interculturalidade; ecologia de saberes; tem como princípio básico a transdisciplinariedade.

Para ela, a educação escolar quilombola, faz parte do movimento pedagógico que leva em conta o aspecto decolonial, cujo principal objetivo é o de promover o diálogo entre os diversos tipos de saberes de forma igualitária. Ela ressalta ainda que, o modelo atual apresentado pela modernidade, desconsidera os saberes dos povos originários e afirma-se como superior aos outros. Este fenômeno chamado de “eurocentrismo”, afirma também que, os outros conhecimentos são denominados como inferiores e incapazes de produzir saberes válidos, desta forma, evidencia-se dos povos originário e afrodescendentes, a necessidade da renunciar às suas organizações sociais e culturais.

O movimento negro propõe a educação quilombola como meio privilegiado nesse processo descolonizador. A Lei no 10.639/03, deu mais credibilidade à educação quilombola. Esta proporcionou o reconhecimento e a legitimação dos saberes africanos e afro-brasileiros na educação, tendo assim um ensino diferenciado e proporcional aos interesses da comunidade quilombola. Outra conquista, foi a efetivação da educação especificamente quilombola com a promulgação da Resolução no 8, de 20 de novembro, que elaborou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na educação básica. Pode-se contemplar assim estudos sobre: memórias coletivas; línguas

reminiscentes; marcos civilizatórios; práticas culturais; tecnologias e formas do trabalho; acervos e repertórios orais; festejos, usos, tradições, patrimônio cultural quilombola; territorialidade.

Neste percurso, a educação quilombola ressalta os alunos como sujeitos políticos, sociais e culturais. O elemento cultural é determinante neste processo. A autora enfatiza que neste diálogo da pedagogia decolonial, deve-se levar em conta, a diversidade cultural dos alunos e possibilitar-lhes outras visões de mundo e de conhecimentos.

Basicamente são três os eixos educativos que irão dialogar entre eles: o domínio existencial que diz respeito à organização da comunidade quilombola com a nucleação familiar, na forma tradicional de vida e auto-organização. O segundo, faz referência ao contato com a natureza, sua preservação, explorando seus saberes de maneira equilibrada sem lhe causar danos, como até o momento tem acontecido. O território comunitário é o terceiro eixo educativo de grande relevância. Aqui a história coletiva leva as pessoas para além do aspecto de parentesco, conduzindo-as para relações de igualdade, fraternidade e solidariedade (cf. RIBEIRO, 2017).

Podemos concluir através deste percurso, que a educação como meio eficaz de formação da consciência, é uma necessidade ainda a ser implantada nas várias comunidades quilombolas e escolas tradicionais, a fim de que a cultura afro-brasileira ocupe o seu devido lugar na contribuição de uma sociedade mais justa e igualitária.

#### 4. O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR DE NILMA LIMO GOMES

O Movimento Negro é um educador que reeduca a si mesmo, a sociedade, a política, a educação básica, o ensino superior e vai além. Assim o define, a grande antropóloga Nilma Lino Gomes. Mulher de imenso destaque no Movimento Negro no Brasil.

Neste processo de reeducação todos nós somos reeducados e aprendemos mais sobre o racismo e suas várias formas de mani-

feições; sobre nós mesmo e nossa nação; sobre nossa ancestralidade africana e como ela se dá e é recriada ao longo de um grande processo histórico.

Para a antropóloga, esse tipo de racismo que se estabeleceu no Brasil é diferente de outros países, ele abrange dentro de si uma imensa ambiguidade, ou seja, a capacidade de se afirmar pela sua própria negação.

Dessa maneira, para aqueles que têm uma prática de emancipação social, é necessário um olhar crítico diante de tal realidade. De fato, carregamos em nossa estrutura o racismo. Importante atuação deve ser feita na esfera do Estado, pois é nessa que se faz a superação do racismo através das leis.

O Movimento Negro, traz em si, um conhecimento intrínseco, diz a autora. Com efeito, ele é específico e diferente daquele tradicional, pois se trata de um conhecimento adquirido na luta: de igualdade, de superação do racismo.

Além disso, é necessário reafirmar que este é legítimo, acrescenta Nilma. Certamente que o conhecimento científico é válido e verdadeiro, mas se faz necessário reconhecer com suma importância a existência de outras formas de conhecimentos verdadeiros e que precisam ser reconhecidos e assumidos como tal.

Onde encontramos tais conhecimentos, podemos nos perguntar? Essa profusão de conhecimento se faz presente na música, nas artes, na educação, e em tantos outros além do convencional.

Ela denota ainda que, o conhecimento produzido nas lutas é um instrumento valioso para romper com um passado excludente do racismo científico, consequentemente uma ideologia que pensa e decide o que é superior ou inferior.

O que é então o Movimento Negro descrito por Nilma Lino Gomes?

- As diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse processo na sociedade;

- São considerados os vários grupos tais como: os grupos políticos, acadêmicos, religiosos, artísticos, dentre outros, que têm objetivos específicos de superação do racismo e da discriminação racial; de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil; de rompimento das barreiras racistas e que fazem com que a população negra ocupe diferentes espaços na organização da sociedade brasileira;
- E acrescenta o reconhecimento dos vínculos históricos, políticos e sociais deste povo afro-descendente como integrante da grande nação africana.

*Reportamos também algumas conquistas do Movimento Negro apresentadas por Nilma:*

- Obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas;
- Ações afirmativas, o programa de cotas nas universidades e serviços públicos através da legislação;
- Destaque da arte negra em vários âmbitos culturais: TV, cinema, artes plásticas, assim por diante.
- No campo político, o Estatuto da Igualdade Racial e políticas de promoção de igualdade racial.

Mesmo que a situação atual seja preocupante, pois no governo atual, as iniciativas em prol da população carente e negra é praticamente inexistente, o Movimento negro continua forte e atuante.

Boaventura de Sousa Santos ao prefaciá-lo livro de Nilma Lino, diz que: “O movimento negro é educador porque gera conhecimento novo, que não só alimenta as lutas e constitui novos atores políticos, como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que enriqueçam no seu conjunto”.

Portanto, hoje somos ainda mais interpelados a somar forças e continuar a lutar pela afirmação das antigas e novas conquistas, ressalta Nilma e insiste na visão de uma interseccional democracia (cf. LINO GOMES, 2017).

## CONCLUINDO

A educação compreendida como um processo para ensinar e aprender, levando a pessoa a descobrir como ela poderá ser sujeito principal neste, tendo o seu direcionamento multifocal e multicultural foi o foco principal deste trabalho. Tão relevante é esta na vida do ser humano, que faz com que busquemos sempre novas alternativas para chegar ao coração da sociedade.

Igualmente têm sido para o Papa Francisco, que em 2020 terá duas preocupações principais em seu pontificado, a saber: a economia e a educação:

*“Um encontro para reavivar o compromisso em prol e com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.” (FRANCISCO, 07/01/2020).*

Somos todos educadores e nos educamos reciprocamente. Nesta trajetória educativa podemos nos perguntar: *O que estamos fazendo para que jovens negros e brancos possam em um diálogo aberto e fraterno crescer juntos no conhecimento, para gerar uma outra humanidade, tendo presente conhecimentos multifocais e pluriculturais?*

Por se tratar de um texto limitado, foi focalizado apenas uma categoria de educandos, ou seja, a juventude quilombola. O foco se limitou no aspecto educativo, pois através deste, estes jovens têm conseguido encontrar caminhos para a reparação de tantos anos de injustiça e exclusão. Isso devido também as várias alianças com outros grupos marginalizados que, igualmente lutam por emancipação política e social.

Grande apoio eles encontram no movimento negro brasileiro. Muitos nomes se destacam dentro deste. Limitamo-nos a apresentar o contributo da antropóloga Nilma Lino Gomes, grande ativista do Movimento Negro no Brasil.

Nós missionários somos também educadores e educadoras, e temos grandes responsabilidades neste movimento educativo, quer desempenhemos nossa tarefa missionária entre grupos de brancos ou negros. O objetivo principal é ajudar nossos interlocutores a fazer parte desta grande aliança educativa. Responsabilizando-nos uns pelos outros, agindo com reciprocidade. Vendendo-nos como companheiros e companheiras que caminham juntos para uma nova humanidade.

### PARA REFLETIR

- Quais saberes ancestrais o Movimento Negro traz em si que podem ajudar-nos em nossas atividades missionárias?
- Quais expressões e atitudes herdamos do nosso histórico escravagista e que continuamos a propagá-las em nossas comunidades?
- Por que nossos engajamentos sociais são tímidos? Quais escolhas podemos fazer para dar um caráter mais prioritário a este?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Territorialidade Quilombola*. Fotos & Mapas \ Quilombola Territoriality: Photos and Maps. Brasília, Mapas Editora & Consultoria, 2011). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>>. Acesso 3/12/2019.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Territórios quilombolas*. Geografias, carto grafias & conflitos institucionais em: Eixo - Especial Educação, Negritude e Raça no Brasil v. 6 n. 2 (2017). Disponível em: <<http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/issue/view/82>>. Acesso 10/01/2020.

ARAUJO, Thiago de. “Mito da democracia racial faz parte da educação do brasileiro” diz antropólogo congolês Kabengele Munanga. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/>>. Acesso 10/01/2020.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2019-2023*. Brasília DF: Edições CNBB, 2019.

DUSSEL Enrique Giro decolonial. Disponível em: <<https://youtu.be/ORjJRc1BWjs>>. Acesso 07/01/2020.

FIABANI, Ademir. *Mato, palhoça e pilão*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2004.

FRACCALVIERI, Bianca. Entre as prioridades do Papa em 2020, a economia e a educação. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/prioridades-papa-francisco-2020-economia-educacao.html>>. Acesso 9/01/2020.

LINO GOMES, Nilma. *O Movimento Negro educador*. Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

MOLINARI, Carlos; BRITO, Débora. Ecos da escravidão. Reportagem da TV Brasil. Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/caminhosda-reportagem/episodio/ecos-da-escravidao>>. Acesso 10/01/2020.

O'SHEA, Janet. Decolonizar o currículo? Possibilidades para desestabilizar a formação em performance. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/87007>>. Acesso em 10/01/2020.

REIS, Vivian. SP tem 51 quilombos, sendo que 34 deles aguardam regularização fundiária pelo estado e União. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/11/18/sp-tem-51-quilombos-sendo-que-34-deles-aguardam-regularizacao-fundiaria-pelo-estado-e-uniao.ghtml>>. Acesso 03/09/2019.

RIBEIRO, Débora. Decolonizar a educação é possível? A resposta é sim e ela aponta para a educação escolar quilombola. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso 10/01/2020.

SANTOS GOMES, Flávio dos. *Macombos e quilombos*. Uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Editora Claro Enigma, 2015.

SCOTT, Paulo. Ser negro no Brasil hoje. Disponível em: <<https://gauhazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/11/paulo-scott-ser-negro-no-brasil- hoje-cjok3ds2e0eb401rxo2qp0guc.html>>. Acesso 08/01/2020.

WASH, Catherine. Pedagogia Decolonial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j6FNfOdh7tU>>. Acesso 07/01/2020.